

As empresas de capital aberto estão otimizadas com 2014, mas de forma moderada. Esse é o clima revelado pela última pesquisa semestral da Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca), realizada entre 23 de maio e 13 de junho junto a 65 empresas associadas — que, juntas, correspondem a 70% do valor total de mercado da BM&FBovespa.

De acordo com os resultados do estudo — que o **Brasil Econômico** publica com exclusividade — a aposta em exportações e vendas domésticas maiores do que no ano passado, além de níveis de emprego e investimentos próprios no mesmo patamar de 2013, reforçam o sentimento de que, apesar dos entraves estruturais, 2014 não será um ano totalmente perdido para as empresas.

“O ponto de maior preocupação sempre costuma ser os níveis de investimentos, que historicamente aparecem baixos. Esse levantamento, no entanto, mostra que 40% manterão os mesmos níveis de investimentos que fizeram em 2013, e 38% aplicarão mais recursos. Essa é uma boa notícia”, acentua o economista Antônio Castro, presidente da Abrasca.

Castro, destaca que esse pequeno otimismo contrasta com as tendências apontadas nas pesquisas dos últimos 13 anos, quando a série histórica foi iniciada. Ele pondera, no entanto, que a base de comparação (2013) não é das maiores, o que resultou em alguns resultados um tanto acima da média.

“Começamos um ano de muito pessimismo, de que o Brasil seria rebaixado e, assim, o custo de crédito aumentaria. Mas, a partir do momento que os executivos confiam em exportações maiores e mantêm os níveis de emprego, isso mostra que os investimentos estão no radar das empresas”, completa o presidente da Abrasca.

A pressão da inflação sobre os custos de produção das companhias é uma das questões que apareceram na pesquisa como um grande receio para os executivos. A maioria dos empresários ouvidos pela Abrasca, 82%, acredita que a inflação oficial, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IPCA/IBGE) fechará o ano em um patamar superior ao atingido em 2013, quando ficou em 5,9%.

Paralelamente, 78% apontam que os custos de produção estão mais pesados do que no ano passado, e continuarão assim até o fim do ano. No entanto, apenas 60% dos entrevistados disseram que vão repassar o aumento nos gastos para o consumidor, isto é, para o preço final dos produtos.

Otimismo, mas não muito

Mesmo preocupados com a inflação acima dos 5,9% e com alta dos custos de produção, companhias abertas apostam em vendas maiores e mantêm níveis de investimentos

Fabio Gonçalves



Para Antonio Castro, da Abrasca, as companhias abertas estão preferindo sacrificar margens de custo, pensando num ajuste futuro

“

O levantamento mostra que 40% das companhias abertas manterão os mesmos níveis de investimentos que fizeram em 2013 e 38% aplicarão mais recursos. Essa é uma boa notícia”

Antonio Castro
Presidente da Abrasca

“Os dados reforçam o que já viemos percebendo: os empresários estão sacrificando suas margens de lucro. E esse é um cenário preocupante porque pode vir a estourar no futuro”, analisa Antonio Castro, que acredita que a reação vem respaldada em uma visão estratégica de longo prazo por parte dos empresários.

“As companhias preferem sacrificar as margens de lucro pensando em um ajuste futuro. Basta notarmos que 61% apostam em um crescimento das exportações e 63% no aumento das vendas domésticas. Elas preferem comprometer a margem para vender mais depois”, observa Castro.

Desta vez, o levantamento com as companhias de capital aberto revelou fortes mudanças de posicionamento quanto à gestão empresarial em momentos de baixa produção. “Quando

61% diz que manterá os níveis de emprego no mesmo patamar de 2013. Isso reforça que, assim como a economia brasileira, os empresários estão mais maduros”, destaca Castro.

“Percebemos que eles vêm tendo uma visão de longo prazo. Aqueles pacotes de demissão e readmissão que assistimos há alguns anos, não são mais considerados como positivos. São ações que trazem uma instabilidade interna forte na empresa, comprometendo o clima geral de motivação”, completa Eduardo Lucano da Ponte, superintendente geral da Abrasca, que aponta ainda para a melhoria da gestão dos custos.

“Nesse ajuste de margens de lucro cada vez mais comprimidas, percebemos também uma administração voltada a cortes bem estudados, em locais onde possa haver mais economia de despesas”, observa.

“

Nesse ajuste de margens cada vez mais comprimidas, percebemos uma administração voltada a cortes bem estudados, em locais onde possa haver mais economia de despesas”

Eduardo Lucano da Ponte
Superintendente geral da Abrasca

Produtividade baixa é o maior entrave

Para a Abrasca, o grande dilema da economia nacional continua sendo a baixa capacidade produtiva, pela falta de investimentos, especialmente em inovação e qualificação profissional. "Se o investimento não é adequado, a capacidade produtiva não se expande e, quando vem a demanda, o que ocorre é a inflação", explica Antonio Castro.

A saída para o Brasil, segundo o executivo, não deveria partir, no entanto, de políticas de incentivo a setores específicos – como o pacote de "bondades" anunciado pela presidenta Dilma Rousseff na semana passada à indústria – e sim de uma visão mais genérica de crescimento dos setores de produção, além da melhor aplicação dos tributos.

"Os salários crescem mais que a inflação e a produtividade não acompanha. Ao mesmo tempo, temos uma taxa básica de juros alta e a preocupação do governo em atender a setores que estão em crise. Vivemos, assim, em dois mundos: um de crédito, em que grande parcela é subsidiada, e outro que convive com as altas taxas de juros. Se houvesse um sentido de olhar mais genérico para a economia, talvez a taxa de juros, mesmo alta, não se transformasse em um limitador ao investimento", avalia Castro, que destaca ainda que as companhias exigem, cada vez mais, uma mudança de postura quanto à transparência e à qualidade dos gastos públicos: "Dos 37% de carga tributária pagos pela iniciativa privada, nem 2% tornam-se investimentos públicos. Os tributos devem cair, mas fruto de uma melhor qualidade dos gastos".

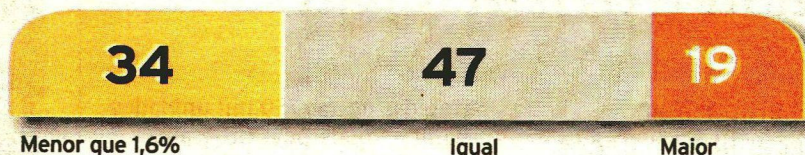


O QUE PENSAM OS EMPRESÁRIOS

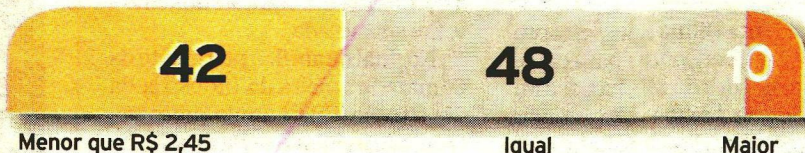
A pesquisa contou com 65 companhias respondentes que somam cerca de 70% do valor total de mercado da BM&FBovespa (em % do total de entrevistados)



O PIB BRASILEIRO deverá crescer 1,6% em 2014, segundo a última pesquisa FOCUS do Banco Central do Brasil. A expectativa da sua companhia para o desempenho do PIB em 2014 é:



A TAXA DE CÂMBIO encerrou o mês de abril de 2014 em 2,23 R\$/US\$. A expectativa do relatório Focus para o patamar da taxa de câmbio no final de 2014 é de R\$/US\$ = 2,45. Para sua companhia, no final do ano de 2014, em que patamar estará a paridade R\$/US\$?



A TAXA DE JUROS da última pesquisa Focus apontou que a taxa de juros brasileira deverá estar em 11,25% ao final de 2014. Sua companhia espera uma taxa Selic no final do ano de 2014:



SALDO COMERCIAL projetado pelo Focus é de US\$ 3 bilhões para 2014 frente a US\$ 2,6 bilhões em 2013. Para o ano de 2014, sua companhia espera um saldo comercial de:



IPCA. A média dos entrevistados na pesquisa Focus manifestou uma expectativa de 6,43 % para a inflação do IPCA para o final de 2014, superior ao fechamento de 2013 (5,9%); portanto, com tendência de alta. Para sua companhia, qual a tendência do IPCA no ano de 2014?



O IBOVESPA encerrou o dia 20 de maio em 52.748 pontos. Para sua companhia, ao final do ano de 2014, em quantos pontos estará o Ibovespa?



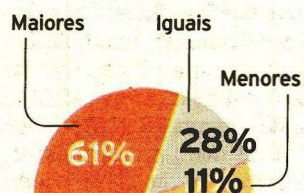
A DÍVIDA PÚBLICA BRUTA encerrou abril de 2014 em 64% do PIB, abaixo do patamar de dezembro de 2013 de 66% do PIB. Para sua companhia qual o patamar da dívida pública no final do ano de 2014?



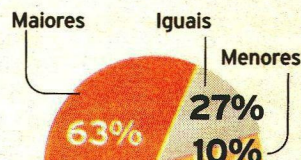
PERSPECTIVAS PARA 2014 X 2013



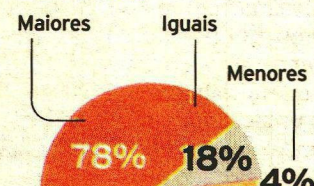
EXPORTAÇÕES (Demanda Externa)



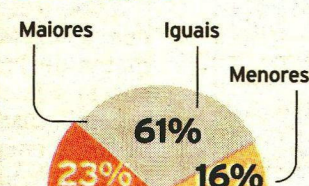
VENDAS DOMÉSTICAS (Demanda Interna)



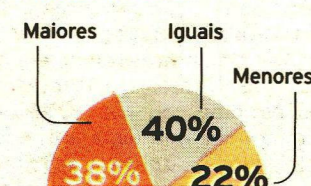
NÍVEL DE CUSTOS



NÍVEL DE EMPREGO



INVESTIMENTOS PRÓPRIOS



PREÇOS DOS PRODUTOS VENDIDOS

